

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N. 7

FORTALEZA, 15 DE ABRIL DE 1887.

## SUMMARIO

O padre Francisco Pinto ou a primeira catechése de indios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.

O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO.  
Estrada á fóra—VIRGILIO VARZEA ;  
A paixão—RODOLPHO THEOPHILO ;  
A melhor cartada—OLIVEIRA PAIVA ;  
Mors Amor—JANE DAVY ;  
Da côrte—MARIO.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	2\$000
Semestre . . . . .	4\$000
Anno . . . . .	8\$000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	5\$000
Anno . . . . .	10\$000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

## O padre Francisco Pinto

(U)

A primeira catechése de indios

no Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Continuação do n.º antecedente)

Raiava o sempre memoravel dia 11 de Janeiro de 1608, em que se executou n'aquellas selvas uma das tragedias mais extraordinarias e sacrilegas da humanidade. O Padre Pinto, ao pé do altar portatil, estava-se revestindo para celebrar a missa, e o Padre Figueira, um pouco distante,

resava seu breviario : é quando assomam as hordas barbaras dos tocarijús, fazendo-se preceder de horrorosa *pocéma* (51), urros terriveis, signaes certos do rompimento de guerra entre elles.

Então o sol alumiou n'aquellas brenhas a lucta mais heroica e desigual, que só o Céu consentio ; porque, como diz S. Agostinho, Deos é tão grande nos arcanos da sua Providencia que não permite o mal sinão porque delle sabe derivar o bem. E a verdade só quer martyres para servos, porque só com o sangue d'alma é que ella pode conquistar-se (52). O mesmo Senhor fez seus martyres, disse-o S. Paulo em sua Epistola aos fiéis da Galacia.

Cinco dos indios da comitiva, menos animosos, correram para o Padre Figueira e internaram-se com elle pelo matto a dentro, afim de salvar esta vida preciosa, que estava reservada para ter mais tarde, 28 annos depois, o mesmo martyrio que ia soffrer seu dilecto companheiro. Os trez, que ficaram, foram verdadeiros heróes, fazendo dos seus corpos perfeitas fortalezas em defeza de seu es-

(51) Litteralmente quer dizer bater de mão ; de "pó" mão e "cema", clamar, gritar, bater. Livrementemente : vozeria, com que já passou para o Dictionario de Moraes. Era o signal de guerra ou festa dos indios.

(52) Didon, "Sciencia sem Deos" Traducção de D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, Bisro de Lycopolis e Prelado de Moçambique, Cap 1.º pr.

tremecido *Pai Pina* contra tantos barbaros desalmados !

Bem pudéras, oh Sol, da vista destes  
Teus raios apartar áquelle dia,  
Como da seva meza de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atéu co-  
[mia ! (53)

O fiel petiguar, de nome Pedro, cahiu primeiro que todos victima de muitas e mortaes feridas ; o tupynambá, chamado Antonio, morreo a poz sete penetrantes golpes ; por ultimo o tobajára *Iyachumirim*, ou em portuguez, *Agua pouco quente*, vendo tudo perdido, investio ainda mais desesperadamente contra os ferozes aggressores, gritando:--«*Não quero viver morrendo o meu padre !*» e foi logo atravessado no peito por uma setta, que o prostou por terra sem vida.

Não restava mais agora no campo da batalha sinão o manso cordeiro já um tanto ferido, para ser immolado á furia canibal desses brutos matadores ; o que quer dizer que quasi nada mais faltava-lhes. Deram-lhe então na cabeça trez grandes golpes com um páu de «jucá» (54), despe-

(53) Camões, *Luziadas*, Cant. 6, Est. 133, Episodio da morte de Ignez de Castro.

(54) Quer dizer—matar ; porque com este durissimo páu era que de preferencia matavam as suas victimas. Este páu o padre Figueira levou-o, como reliquia, para o Collegio da Bahia, onde perdeu-se, em 1624, com outras reliquias, quando os Hollandezes invadiram a cidade.

(55) Sem melhor fundamento, Varnhagen, na sua *Hist. cit.*, Tom. 1.º, pag. 315, descreve assim a morte do padre Pinto.—«Seguiram para o

daçando-lhe o queixo desde a orelha até a barba, e assim tiraram-lhe a vida, sendo preciso, diz o Padre José de Moraes, tão larga porta para por ella poder sahir tão grande alma, e aquelle mais que agigantado espirito ir gozar no Céu, com a aureola de tão gloriosa morte, o merecido premio dos seus apostolicos trabalhos. (55) Desta forma, no mesmo logar, onde o innocente cordeiro ia offerecer a Deus o sacrificio do corpo e sangue do Unigenito Filho, ahi mesmo offereceu seu proprio corpo e sangue (56) «Suscipiat

norte à pequenas jornadas, e pela Paschoa se avistaram com os Aldeados (Tabajaras) da Ibiapaba, alguns dos quaes com varios francezes se lhes uniram. Acaso estes menos afortunadamente, pois, ao que colligimos, trataram de desacreditar o ar de santidade que dava o padre Pinto, a quem os indios, segundo o testemunho de um escriptor veridico, uma vez deixaram cahir de rede n'um pantano, e faltaram a lhe acudir, quando ferido no ataque de uma flecha no pescoço, e dependurado por um pé, consentiram que os contrarios o acabassem de matar com um dardo ou pua de taquara.»

Foram transcriptos aqui no *Cearense* n. 45 de 28 de abril de 1880 uns artigos da *Provincia do Pará* sob a epigraphe—Apontamentos Historicos—Expedição de dons padres Jesuitas ao Ceará—, os quaes dão tambem a morte do padre Pinto de modo differente, seguindo, como Varnhagen, a Claudio de Abbeville cit., Cap. 12

Preferi a versão dos padres José de Moraes e Antonio Vieira, que esteve na Ibiapaba, por mais conforme com a verdade historica, que faz plena justiça aos tobajaras, leaes catecumenos dos Jesuitas e implacaveis vingadores da morte do seu idolatrado Pai-Pina.

Na mesma inexactidão cahe Pompêo, *Ens. Est. cit.*, Tom. 2, pag. 258, dando os tobajaras por assassinos do padre, quando foram elles quem vingaram-lhe a morte!

(56) Padre A. Vieira, *Rel. das Mis. cit.*, Cap. 1. Assim mesmo diz Beauchamp, *Hist. cit.*, Tom. 1, pag. 40: «Os tapuyos da Ibiapaba jámais mataram prisioneiro algum de guerra, e todo inimigo que chegasse a pôr-se sob sou abrigo em uma das suas choupanas, estava salvo. Ainda não houve tapuya da Ibiapaba que violasse este sanctuario de be-

te Christus, qui vocavit te».

Quanta abnegação e sacrificio ha na vida do missionario! Quando um homem, á vista de um povo inteiro, sob os olhos dos seus parentes e amigos, se expõe á morte por sua patria, troca alguns dias de vida por seculos de gloria; illustra sua familia, e eleva-a ás riquezas e honras. Mas o missionario, cuja vida se consoine no fundo dos bosques, que morre de uma morte cruel, sem espectadores, sem applausos, sem vantagens para os seus, obscuro, desprezado, tractado de louco, de absurdo, de fanatico, de tudo isto, para dar uma felicidade eterna a um desconhecido selvagem, exclama com rasão Chateaubriand, com que devera designar-se esta morte, este sacrificio?

Tambem importantissima é a sua missão pelo lado civilizador e scientifico. Os missionarios cahem em bandos numerosos sobre as regiões novamente descobertas, civilizando os povos selvagens, estudando, descrevendo o paiz. O desenvolvimento do zelo apostolico é um dos traços dominantes do seculo XVII, mas devemos tambem reconhecer tudo quanto a geographia e as sciencias historicas devem a esses homens dedicados, instruidos e modestos. O viajante não faz mais do que passar, o missionario permanece no paiz, e tem evidentemente muito mais facilidade para adquerir um conhecimento intimo da historia e da civilização dos povos que estuda. É pois mui natural que lhe devamos narrações de viagem, descripções, historias ainda consultadas com

nefca hospitalidade, por mais que fosse sua colera, por mais justo que fosse seu resentimento!»

proveito e que tem servido de base aos trabalhos posteriores (57).

Os juitas foram inquestionavelmente incomparaveis no zelo apostolico, com que se empregaram na catechese dos indios. Trabalhos incompreensíveis, cuidados aturadissimos e grande paciencia foram necessarias para fazer o selvagem passar da vida errante e agreste para o estado de civilização. Esse prodigio só podiam operar estes religiosos, que haviam adquerido certo heroismo christão, e a difficil arte de fallar aos corações e animos ferozes em tal gráu, que jámais foram iguallados. A santidade dos motivos, tirados da propria instituição, as virtudes manifestadas pelo Jesuitas, e o espirito de perseverança enraizado na sociedade jesuitica deram á essa associação força e vigor tal, que ella suprepou e eclypsou a quanto neste objecto fizeram as demais congregações religiosas no Brazil (58).

57) Julio Verne, *Historia das Grandes Viagens e dos Grandes Viajantes*, pag. 211.

(58) Visconde de S. Leopoldo, *Anaes da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*.

O leitor, que acaba de apreciar os relevantissimos serviços da Companhia de Jesus no Ceará, não desdenhará de ler os seguintes importantes documentos ineditos, dos quaes consta a «Extincção dos Jesuitas» na Capitania do Ceará, celebrada com *Te-Deum*:

—«O padre Francisco Xavier Marreiros da Silva, Presbitero do Habito de S. Pedro, Parocho na Igreja Matriz de N. S. d'Assumpção da villa da Fortaleza e Vigario Geral em toda esta comarca do Ceará-Grande pelos Illms. e Rvdms. Srs. Governadores deste Bispado de Pernambuco: Certifico que recebi os exemplares, Carta Regia e a Bulla da extincção dos denominados—Jesuitas, no dia 5 ás 7 horas da noute do presente mez e anno, e no dia 6 do dito mez e anno publiquei esta e cantou-se um *Te-Deum Laudamus* no dia 15 do mesmo mez, e no dia 19 do dito mez e anno remetti os ex-

## O papel da poesia

L'inspiration, le je ne sais quoi, ce qui va à l'idée et qui frappe l'âme, sont des mots écrits en caractères noirs sur des nuages bleus.

PROUDHON.

(Continuação)

Aquelles que consideram a poesia como uma falsa applicação da actividade mental em prejuizo dos esforços reaes e verdadeiramente fecundos do espirito, poderão, falseando o espirito d'estas considerações, formular uma objecção poderosa.

De facto ha ahi um certo que de extra-utilitario que não poderá agru-

emplares, Carta Regia e Bulla ao Rvd. padre Antonio de Aguiar Pereira, vigário da freguesia de S. José de Ribamar do Aquiraz; ficando todos os exemplares, ordem, carta regia e bulla registrados nos livros dos registros, que servem nesta freguesia de fls. 350 à 490. Passo o referido na verdade, e juro de baixo do cargo de meu officio. Villa da Fortaleza de N. S. d'Assumpção aos 19 de Fevereiro de 1774. O padre Francisco Xavier Marreiros da Silva, Cura na Villa da Fortaleza e Vigário Geral da comarca do Ceará-Grande."

— "Carta Circular para os Rvds. Parochos deste Bispado de Pernambuco, principiando da Villa da Fortaleza do Ceará até à ultima que se comprehender na comarca e districto da Capitania do Ceará, como nella se declara.

"O. Exm. e Rvdm. Sr. D. Frei Francisco d'Assumpção e Brito, por Divina Providencia Bispo deste Bispado de Pernambuco, nas Instrucções que me incumbiu do que devia praticar a respeito das solemnes graças que devemos dar ao Altissimo pelo beneficio de haver suprimido o nosso Santo Padre Clemente XIV, ora reinante na universal Igreja de Deus a Companhia chamada de Jesus, confiando do meu zelo e fidelidade a execução deste tão importante negocio, me ordena faça expedir para todo este Bispado as ordens necessarias para que em cada uma das suas igrejas matrizes sejam lidos sem perda de tempo em occasião de maior concurso de povo a Carta Regia, que sua Magestade Fidelissima foi servido escrever-lhe, e juntamente a Bulla da extincção total da sobredita Companhia, a rasão pela qual com esta remetto a Vmcê. as sobreditas Carta Regia, Bulla Pontificia e lei e as lettras do mesmo nosso Exm. Pre-

dar àquelles a quem o habito das discussões positivas e a exaggeração pelo systema materialista tem feito sectarios da dogmatica do egoismo. Sabe-se que é justamente isto que principalmente caracteriza o pensamento moderno: nota-se na generalidade dos escriptores uma tendencia mui pronunciada para o aniquillamento de todas as manifestações do espirito, que não tiverem por fim a satisfação das necessidades physicas ou exclusivamente intellectuales, isto é, que não tiverem por fim o conhecimento da economia.

lado, que vão insertas no corpo do meu Edital, que tambem vae com esta, o qual se publicara na forma nelle expressada, e conservará affixado no lugar publico da Igreja até o dia da lição das sobreditas Carta Regia, Bulla Pontificia e lei, estando porem de forma que se não dilacere, a fim de ser remettida com esta e com os sobreditos exemplares para as mais parochias a que pertencer, e de que assim se executou me remetterà Vmcê. certidão, e na mesma forma do dia, mez e anno em que recebeu esta com os exemplares e edital inclusos do dia, mez e anno em que se remetteu para a parochia mais visinha, que será a da villa do Aquiraz, seguindo por diante as mais que se comprehenderem na comarca e districto da Capitania do sobredito Ceará Grande. E, como nestas indispensaveis demonstrações deva V. Mcê. conformar-se com o que se praticou nesta Cathedral, depois da lição dos sobreditos exemplares, fará cantar o *Te-Deum* com a maior solemnidade que permittir o lugar dessa parochia, e com toque de sino, que tambem haverá de noute, acompanhando as luminarias que devem ser por tres dias successivos; e por ultimo o Rvd. Parochio, a quem a presente é dirigida, me remetterà com os exemplares, que com ella vão. Da fidelidade e zelo de V. Mcê. confio se execute todo o sobredito, sem perda de tempo. Aceite V. Mcê. os ardentes desejos que tenho de que lhe assista a graça do Senhor para me ajudar com zelo e fervor neste ministerio. — O. linda, 16 de Dezembro de 1773. Do Governador e Vigario Geral do Bispado — Dr. Manoel Garcia Velho do Amaral."

Era tamanha a caça que por toda parte dava-se nos membros desta Companhia que fez dizer a Goethe no seu *Fausto* :

Aquelle figurão impertigado,  
ventas no ar, olhos alerta, orelhas  
fritas,  
quem será? que fareja asafamado?  
anda à caça; de que? de Jesuitas.

Traducção cit., pag. 373.

Que temos nós com a magnitude do oceano, com a belleza dos campos, a suavidade das fontes, a delicadeza das flores, em uma palavra: que temos nós com a harmonia e os esplendores da natureza?

A vida é um conjuncto de necessidades: todos os nossos esforços devem unicamente consistir em trabalhar para satisfazer-os; e os meios de trabalho reduzem-se a dous: a sciencia e a industria. Querer alguma cousa mais além disto, é deixar o terreno solido da realidade e perder-se no mundo da phantasmagoria.

A poesia, portanto, e do mesmo modo todas as bellas artes, são, senão uma divagação fóra da natureza, pelo menos um producto mental sem applicação util no mechanismo da sociedade. São para a industria ou antes para a arte no sentido restricto da palavra (arte util, manufactureira) o que é a theologia para a sciencia, uma applicação desnecessaria da energia, um esforço no vacuo.

Por mais que pareça exagerada esta conclusão, é certo que está no espirito dos principios professados por muitos auctores. Spencer, chega a ponto de confessar que tudo o que é esthetico, tem por caracter ser inutil. E Letourneau, citando esta passagem, embora declare que nunca sentença mais rigorosa foi proferida contra as bellas artes, não deixa de reconhecer que esta opinião é justa por uma larga parte.

Tanto um como o outro estará prompto na primeira occasião que se lhe offereça, para fazer a apotheose da poesia e da litteratura. Todavia as declarações d'esta ordem são importantissimas porque são nada mais, nada menos, que a confissão espontanea das consequencias paradoxas a que dão lugar os principios philosophicos que falsamente applicaram ao mechanismo da vida.

O que é verdade é que n'uma concepção rigorosamente utilitaria da sociedade, a poesia, como todas as bellas artes, não pode ter uma explicação verdadeiramente racional das funcções que exerce. Desde que a utilidade é elevada à categoria de principio ultimo, fica perfeitamente e definitivamente estabelecida a dogmatica do egoismo. O egoismo torna-se então o principio director e regulador da evolução social e deste modo é absolutamente contestada a influencia das idéas. Como pode, pois, ser salva a poesia? Ella não augmenta o grau do conhecimento e nem concorre para a submissão das forças da natureza. Para que serve pois? Para ornamentação do espirito? A utilidade repelle essa ornamentação luminosa, porem infecunda. Para disciplina? A verdadeira disciplina intellectual é a sciencia. Si são, pois, unica-

mente estas as considerações que se pode fazer em favor da poesia, pode-se desde logo estabelecer que ella não escapará incolume ao terrível—*quem vem lá*—hodierno da sciencia e da critica.

Letourneau, em sua obra—a «*Physiologia das paixões*», a proposito de paixões sensitivas, estabelece o seguinte: «*Nas suas formas inferiores as produções artisticas não tem evidentemente por fim outra cousa, a não ser procurar para o homem uma impressão agradável das mais simples. Então a harmonia dos sons, das cores, ou das linhas, é tudo numa obra d'arte e esta obra tem justamente o mesmo grau de utilidade que um bolo bem feito.*»

Accrescenta, porem, em seguida o mesmo auctor: «*Si as artes não tivessem de passar desta phase inferior, sua decadencia e sua desaparição seriam quasi fataes, pois resultariam inevitavelmente da marcha da humanidade para diante.*» D'aqui já nos podemos elevar à comprehensão da verdadeira solução do problema.

Não entram em via de conta para nós as condições psychologicas do artista mesmo. Sabe-se que a arte se torna paixão.

«*Quando o demonio de escrever me possue, diz Foscolo, é-me indispensavel trabalhar e muitas vezes me acontece escrever dezeseite horas seguidas.*»

E não é somente a paixão artistica que domina o poeta, porem uma confusão admiravel de todas as paixões humanas. Este mesmo Foscolo, conforme refere Letourneau, já em idade avançada, lançou ao desprezo as honras e a gloria e foi refugiar-se na solidão, onde queria viver sem ler, nem pensar. Satisfeito este desejo extravagante começou a experimentar uma necessidade terrível que o opprimia. Faltava-lhe na solidão uma coisa: o amor. «*Eu sinto, dizia elle, uma necessidade fatal de ser amado.*»

Leopardi desde sua primeira mocidade começou por sentir «esta tristeza doce que é mãe das grandes causas», mas, que foi logo substituida por uma grande melancholia. «*A primeira era um crepusculo, diz elle; a segunda uma noite escura.*»

E' que os verdadeiros poetas concentram em si a humanidade inteira: é a razão das emoções excepcionaes que experimentam e tambem só assim poderão elevar-se às creações maravilhosas do genio, abrindo para a humanidade as portas do ideal.

O homem collocado em face da natureza alem da necessidade de alimentação que inevitavelmente se lhe hade manifestar em virtude de suas funcções nutritivas por intermedio da fome, sentirá tambem uma outra necessidade não visivel e ma-

terial, porem de ordem muito mais elevada—a necessidade de saber que é a consequencia das suas funcções intellectuaes.

Pode-se admittir duas vidas distinctas na existencia do homem: a vida do corpo que é a sua face externa, e a vida do espirito que é a sua face interna ou subjectiva. Ambas são successivamente renovadas e reconstruidas: tal é o resultado fatal das leis que regem o organismo.

A reconstrucção do corpo opera-se por meio da nutrição, e a do espirito por meio do conhecimento.

O trabalho que garante o desenvolvimento da vida do corpo, e o estudo que assegura o desenvolvimento da vida do espirito—taes são, portanto, as condições de todo o progresso e o resultado immediato a que dão nascimento o trabalho e o estudo são a riqueza e a sciencia. Acontece, porem, o seguinte: ao passo que a riqueza promove o desenvolvimento da vida do corpo que é passageira, o estudo promove o desenvolvimento da vida intellectual que é eterna.

Tractemos de estudar as condições do conhecimento em suas formas fundamentaes. E' ahi que havemos de achar o segredo da missão a que se destina a poesia.

As formas fundamentaes do conhecimento são a religião e a sciencia: uma filha do entendimento apoiado sobre a imaginação, a outra filha do entendimento apoiado sobre a experiencia.

O conhecimento só se adquire mediante esforços continuos. A humanidade encontra difficuldades enormes em sua marcha ascendente e só através de mil tentativas inuteis vae pouco a pouco augmentando o thesouro de seus conhecimentos, e ainda assim a verdade que lhe serve de guia acha-se ordinariamente cercada de uma infinidade de erros. D'ahi as luctas successivas de que está cheia a historia, que pelo menos em relação ao movimento intellectual propriamente dito, não é outra cousa mais do que a historia das lutas constantes da verdade contra a superstição e o erro.

O conhecimento é a representacão intellectual da marcha das cousas, sendo verdadeiro ou falso conforme o grau de força que pode exercer sobre o espirito. Tal é o parecer de Leon Duntou quando define a verdade—a intensidade dos factos de consciencia. Succede, porem, que, quer numa, quer na outra de suas formas fundamentaes, o conhecimento só pode estender-se até um certo limite, alem do qual começa a região do *incognoscivel*.

E' a grande questão dos phenomenos e da—*cousa em si*—que tornou-se o distinctivo essencial do pensamento moderno desde a revo-

lução produzida por Kant no dominio do pensamento.

Lange identifica com os limites do conhecimento em geral, os limites adoptados por Du Bois-Reymond para o conhecimento da natureza. Esses limites são dous: a explicação ultima da *mechanica* dos atomos e a explicação ultima da *metaphisica* da consciencia. Um diz respeito à face interna da existencia, o outro à sua face externa. O que, porem, é incontestavel é que a'c'ahi o espirito pode obter algum resultado; d'ahi por diante toda a tentativa é inutil no sentido do conhecimento.

Isso quer dizer que o pensamento só tem por objecto o *mnudo* dos phenomenos, sem poder jámais elevar-se a essencia das cousas, de onde resulta o antagonismo profundo que ha entre a sciencia e a religião ou antes entre a imaginação e a experiencia.

(*Continúa*)

R. FARIAS BRITTO.

## ESTRADA Á FORA

A ARÃO RAMOS

Era manhã.

O sol faiscante e vivo, punha no ar uma mornidão trespassante e amollentadora.

Eu caminhava alegre e silencioso, sosinho, alagado de luz.

O caminho alongava-se-me ante os olhos, planuroso, largo, branco, convidativo.

Marginavam-no ininterrompidamente verdurações pujantes e fecundas, d'onde sahiam chilreamentos doces de ninhos, exhalacões fortalecentes de vida.

Grupos sonoros de meninos satisfeitos e pinoteadores, que correm, trepam, gritam e estrefegam na distancia livre e preciosa que vae do lar ao mestre, desapareciam ao longe.

Voavam as borboletas.

Aqui e além, desciam riachos, cruzando a estrada, sob pontes rústicas de madeira,

'num rumorejamento eterno e crystalino.

E ao lado das casinhas alvas, limpas, enroseiradas e agrestes, cheias da felicidade tranquillã e virginal do campo, assoberbavam as cercas de páo á pique, irrompendo 'numa vegetalisação impetuosa e indomada, as sanguineas e revolucionarias *pancétas* que pareciam gritos de republica, sahidos d'entre a monarchia das arvores!

VIRGILIO VARZEA.

## A PAIXÃO

De longe vem a brisa a passo, vagarosa,  
Brincando ora no valle e ora na collina,  
Beijando brandamente a folha pequenina,  
Da linda sensitiva imbelle, vergonhosa.

Os beijos leves são, que a «pudica» mimosa  
Nem sente s'oscular, a fronte não inclina,  
E mira na corrente argentea, cristalina,  
A sombra da palmeira altiva, magestosa.

A brisa pouco a pouco em vento transformou-se,  
Veloz, enfurecido então o vendaval  
Ao valle e a collina agora arremessou-se.

Como a brisa é a paixão: nos vem sem fazer mal,  
—Tão branda, tão suave, até que apoderou-se  
Do nosso coração, titanica, fatal!

Alto da Bonança—1886.

RODOLPHO THEOPHILO.

## A MELHOR CARTADA

Estava uma coisa insipida aquelle dia. Uma bora da tarde. Muito mormaço. Nem uma gargalhada. Triste realmente.

Os hospedes que jejûavam alegravam-se agora no seu jantar, servindo-se grandes pratos de peixe, hortaliças, camarões, fructos, vinhos, requeijão e bolos; com tanto que os outros, almoçados por cerca das onze, tinham era tedio por aquella petisqueira. Na rua não havia o que fazer, e peor em casa. A leitura nem para todos era divertimento,

e acabava por cansar miseravelmente a um sujeito farto.

O Pedro Antonio ardia por um joguinho, mas esperava que outro lembrasse. Souza Pinheiro, com a cabeça elevada sobre o coxim de lã, estirava se ao longo do sofá, a ler as *Foulies Amoureuses*. E todos estavam com a cara contrafeita de quem recebe uma visita enfadonha. Correia e José Telles offereciam o raro espectáculo de entreter-se apuradamente ao lado de suas consortes: um casal namorando-se em cadeiras de balanço, fronteiras; e o outro, applicadissimo em uma partida de dominó.

A pequena palmeira collocada em um jarro na sacada, nem dava signal de vento.

A sala de bilhar, contigua, era um quartel sem tropa. Os bilhares encobertos por grandes pannos de riscado, e os taccos descansando nos cabides.

A do botequim, muito boa para rir e fumar, tinha de vivo os quadros suspensos na parede, --bonancheiras pinturas, frades lambões de figura roliça no aconchego das pipas, empunhando copos dithyrambicos, n'um riso e recato edenicicos. Em moldura tosca, n'um claro, surdia o meio corpo de um marinheiro, em camisa de bordo, com o chapéo cambaleado para a nuca e feições crispadas por um choro pandego.

O Pedro Antonio distrahia passeando por ahi, de mãos para traz, com maneiras de quem visita um museu.

Uns ruidos successivos e ascendentes chamaram-lhe a attenção para a escada, em cujo patamar assomava o vultto amarello e inchado do capitão Dionisio.

—Vamos jogar—disse este

quebrando para o salão.

Pedro Antonio queria era isso. E' o que o divertia. Ter o prazercinho de *chorar* uma carta e ver o cobre cirandar de mão em mão. Sentir a forte impressão do prejuizo ou do lucro. O dinheiro, no jogo é que ostentava toda a fartura, e vagava como um alimento.

—Chama lá uns parceiros.

E pedia ao moço d'hotel uns baralhos novos. A meza estava a um canto. Era oitava-da, com uma gavetinha em cada face e forrada com panno verde.

Mao grado a insipidez do dia, ninguem acceitou jogar. Como?—dizia um—eu não jogo em sexta-feira maior! Temos o anno inteiro para peccar. E d'ahi, se fizeram esquerdos. Este por praxe, aquelle por delicadeza, aquelle por fé.

Mas, ninguem morre á falta de outro. Apareceram logo dous, um protestante que por accinte á religião estipendiada faria até milagres, e um typo insulso, d'esses que não têm mel nem fel. Jogariam até não sei que horas, si não fôra a morte de um dos jogadores.

Foi o caso assim:

Pelas sete da noite sentiuse na rua um alvoroço, um sussurro, e as janellas illuminavam-se. Os hospedes do hotel vieram para as sacadas.

Era a procissão do Senhor Morto. Havia um morno luar encinerando o ambiente. Ao longe avistou-se como uma brasa vermelha muito em baixo, e mais outra, e mais outra. Ouviram-se as pancadas secas da matraca. As brasas multiplicavam-se em numero e intensidade, e enfileiravam-se umas por traz das outras formando um corpo comprido,

para cada cordão de casaria. Eram duas serpentes de elos de fogo esses grandes bagos de luz amarella e coada. Os focos tinham movimento oscillatorio, manquejando, e avançando imperceptivelmente, com a mansidão de um enterro. Mais para longe, como pulsações de um coração gigante, palpitava o compasso do bombo, no funeral, como subindo de um subterraneo.

As vozes do canto-chão vinham um poucopara cá, e soavam monotonamente parvas. Um clarão amortecido e alto acompanhava o extenso prestito, esbatento na frente das das casas. Apareciam coloramentos de encarnado e de roxo, das opas, por baixo, entre o povo que se movia como sombras. A rua estava cheia de lado a lado. E no meio a longava-se um vacuo entre as confrarias. Adiante, via-se constantemente a massa de espectadores ir abaixando para ajoelhar. A matraca estralejava secca e constantemente, e de espaço, a voz aguda e terna de uma creança partia não sei de onde, como setta, modulando: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.*

Passava no alto, suspenso, um vulto de mulher, em transe de agonia, conduzida em andor. Via-se-lhe as dobras do vestido roxo, e lentejoulas doiradas.

Depois, debaixo de um pallio de sedas macias, estirava-se em cadaver o retrato de Jesus, nú, velado por um crepe de luto. Era levado por homens embuçados.

Depois, vinha o clero, reconhecível pela alvura da sobrepeliz. E o bispo, com a cabeça coberta. E emfim, a massa bruta do povo, como a to-

na de um liquido onde pululam cabeças a perder de vista.

O funeral dominava agora tudo.

Um som de flauta aguçava um grito infinito e doloroso, pairando por cima como a voz de um seraphim, d'aquelles que apparecem nas nuvens sagradas. Uns sons de metal soaram refreados, com barbaria humana. E gemiam grossamente os baixos.

O cortejo mergulhava cada vez mais no silencio. Os cordões de luzes que oscilavam como fogos fatuos iam outra vez parecendo-se com brazas vermelhas. Pelo meio pompeavam os lampeões das cruces...

—

Porém, os quatro jogadores, tão entretidos que estavam, não se deram á curiosidade de ir lá. E a mulher do capitão Dionisio, que desde quarta-feira de treva não o vira, entrou açuladamente pelo hotel a dentro atirando-lhe excomunhões:

— Desgraçado! Qu' é da tua mulher e dos teus filhos?!

O capitão só attentava para o que estava fazendo. Ia puxar a melhor cartada de sua vida.

— Que jogo esplendido! — berrou elle com alegria diabolica...

E bateu na meza com a mão cerrada. A carta saltou lá. Era o coringa. E elle embiocou de bruços como si o tivessem quebrado pelo meio. Os parceiros recuaram horrosados, vendo aquelle homem cahir de repente para diante.

E o Telles, que voltava da varanda, namorando sua esposa, correu para o grupo. Apalpou com a esquerda o coração do Dionisio e com a dex-

tra consultou o pulso, e concluiu com frieza de perito:

— Não ha duvida. Bateu o trinta e um!

OLIVEIRA PAIVA.



## MORS AMOR

Vêl-a todos os dias, quando, encantadora no *negligé* matinal descia ao jardim para colher uma flôr ou para divagar através da perfumada avenida, ouvir-lhe a voz mil vezes mais doce do que a das aves que a saudavam com festivaes gorgeios, mandar-lhe em um olhar a alma inteira, era a unica felicidade, a consolação unica do infeliz moço que de ha muito a amava ardentemente.

Mas uma distancia immensa os separava. Ella era rica e nobre, elle pobre e obscuro. E a sociedade impõe preconceitos, o mundo crêa obstaculos que é impossivel transpôr.

Elle queria occultar no intimo do coração aquelle sentimento que lhe dominava todo o ser; jurára a si mesmo não tornar a vêl-a; porem assim que o primeiro raio de sol vinha beijar-lhe a fronte, ia ao jardim, e lá esperava ansioso e tremulo que ella passasse.

Imaginava ás vezes que era amado, adivinhava um sorriso nos labios della, vislumbra uma chamma no seu limpido olhar, e sentia então impetos de cahir-lhe aos pés e de dizer-lhe: Amo-te, amo-te tanto que por ti daria a propria vida!

Bemdictas illusões da mocidade! Risonhas e gentis esperanças que nos embalaes os primeiros annos, fazendo-nos entrever por um prisma azul

e fascinador as mais bellas e seductoras realidades!

Sois vós que embellesces a primavera da vida, sois vós as flores dessa bella quadra da existencia que infelizmente passa e não volta mais!

Elle era moço, amava e esperava; e no entanto ella nem percebia a muda adoração que lhe era tributada, nem via o olhar profundo e ardente que buscava o seu traduzindo a mais apaixonada supplica.

Uma manhã cahiu-lhe das longas tranças uma rosa branca. Elle apanhou-a tremendo. Seus labios subtis como a aza de uma borboleta roçaram as petalas meio abertas da mimosa flôr, e depois de um momento de hesitação entregou-lhe'a enleiado.

Sentiu a maciez da nivea mão que se estendera para a sua e ficou deslumbrado contemplando a belleza d'aquelle rosto candido e suave; mas quando o sentimento é muito forte a lingua se entorpece e elle não pode balbuciar um som.

Assim passaram-se muitos dias. Ella vinha todas as manhãs ao jardim, elle a contemplava occulto pelas ramas do caramanchão, e cada vez a amava mais.

Confessar-lhe o sentimento de sua alma parecia-lhe um crime.

Entre a orgulhosa filha do titular, e o humilde filho do jardineiro mediava um abysmo.

\* \* \*

Uma manhã ella não veiu só.

Acompanhava-a um moço elegante e formoso que lhe fallava sorrindo, e em cujo braço ella se apoiava docemente risonha e feliz.

Foram sentar-se sob o mes-

mo caramanchão onde elle costumava occultar-se.

Oh! ironia pungente do destino!

O desgraçado ouviu a confissão de amor que faziam áquella por quem daria a propria vida, viu o seu rubor, o seu adoravel enleio e ponde ouvir tambem o sim que ella pronunciou e que lhe chegou aos ouvidos como uma sentença de morte.

Teve um momento de vertigem. Sentiu o atordoamento que produzem as grandes quedas. Que terrivel accordar! Caiam por terra todas as suas illusões, todos os seus dourados sonhos. Ella amava outro!

\* \* \*

Uma idéa criminosa assaltou-lhe a mente.

Comprou um punhal e pensou em embebel-o no sangue do rival.

Não, aquelle casamento não se realisaria. Ella tornaria a ser livre, e elle poderia ao menos adoral-a todos os dias, sem que alguém viesse profanar a santidade do seu fervoroso culto.

Esta idéa insensata arraigou-se-lhe ao cerebro de tal forma que uma manhã intentou executal-a.

Foi esperar os an'antes. O sangue queimava-lhe as carnes, o olhar despedia chispas de odio. Estava feroz no delirante ciúme que o arrastava até a consummação de um crime.

Seria presentimento? Nessa manhã ella estava pallida e fitava o noivo com um olhar mais cheio de ternura.

Repetiram o mesmo idyllo, estreitaram-se as mãos e o coração segredou-lhes a dulcissima poesia dos vinte annos.

—Si morresses eu morreria tambem, disse ella depois de

tel-o ouvido queixar-se de um pequeno incommodo.

A que vinha fallarem da morte quando a vida lhes sorria, illuminada pelo sol do amor?

Que ia fazer o desvairado? Matar aquella que amava?

Escondeu o punhal. Agora só lhe restava um recurso.

E a idéa da morte lhe appareceu no cerebro como o derradeiro lenitivo á sua enorme dor.

Pensou no suicidio

\* \* \*

Chegou emfim a noute das nupcias, e ella ainda mais formosa sob as roupagens de noiva, pronunciou aos pés do altar c—sim, que a ligava para sempre ao escolhido do seu coração.

Com que desespero elle ouviu esta palavra que impieiosa quebrava a ultima corda de sua esperanza!

E ella sorria-se no extasi da felicidade, emquanto elle se estorcia nos paroxismos da dor!

Era horroroso! Que ia ser delle d'ali em diante? Viver sem aquella illusão lhe era impossivel. Só a morte poria termo ao martyrio que o torturava.

A paixão hallucinava-o, aturdiava-o, embriagava-o.

Fugiu-lhe o derradeiro lampejo da razão, e como louco deitou-se junto ás rodas do carro que ia leval-a á casa.

O cocheiro nada viu, e quando quiz conhecer a causa do violento choque que o carro experimentara, encontrou um cadaver com o craneo fracturado e todo inundado em sangue.

\* \* \*

No outro dia, quando ella trazendo no rosto os vestigios

de uma insomnia feliz descia ao jardim ao lado do esposo, o cadáver do infeliz baixava á sepultura.

Todos lamentaram o incidente; porem ninguem soube nunca que o que occasionára aquella morte fôra... o amor!

JANE DAVY.

## DA CORTE

19—MARÇO DE 1887.

Vinte dias! Decididamente é o mal de todo o chronista, e principalmente um dito artistico! É o naufragio da correspondencia, é o aborrecimento, o enfado, o abrir de bocca, o estalar das articulações dos dedos do (às vezes impaciente leitor; e é o puxar de cabellos, o coçar do nariz, o esmurrar a nossa paciente meza, o bater com os pés no pacato assoalho do nosso quartinho de vinte e cinco mil réis, o quebrar a serviçal penna, que muitas vezes tem direito a uma reforma com soldo por inteiro! É tudo isto; pois não é? A falta de assumpto é ainda uma cousa que não está enumerada na lista acima. (Eu digo baixinho).

É a desculpa... de muita gente preguiçosa. Oh! mas não no caso presente, eu affirmo-te, leitor, com o cortejo de todas as verdades que se refloram ao caso, já se sabe; e affirmo-te tambem que nestes vinte dias quasi nada houve que interessasse esta secção. Agora, si duvidas da minha palavra, é vires saber cá, nesta terra do grande calor, da rua do Ouvidor, da agua da Cariocá, dos capoeiras e da Academia de Bellas Artes e seu appendice o conservatorio de musica.

Verás.

Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, alem da grande fertilidade de que dispõem, são de uma actividade verdadeiramente notavel! Causam admiração e inveja! São o desespero de muitos talentos ociosos, são o mais bello exemplo aos novos, dos quaes são muito dignos sacerdotes.

Devido à estes genios trabalhadores, o publico desta capital applaude phreneticamente, no Lucinda, uma nova revista dos acontecimentos do anno passado, intitulada—«Mercurio».

O publico applaude a delicada e inoffensiva critica, a ironia elegante e fina; a verve espontanea e grata como uma alface em uma manhã fresca. A independencia invejavel e

mascula com que são apreciados os acontecimentos politicos, é admiravel. Nem uma allusão ferina, nem uma paixão vem traiçoeiramente, como sonho mão, interromper ou perturbar a unidade tão snave da quelle sonho bom!

O pequeno enredo que serve de elo aos acontecimentos para prendel-os com um molho de chaves, é gracioso.

Vou narral-o.

Fonseca intende casar com uma filha do sr. Peixoto. A pequena é uma belleza que faria um imperador não dormir nas conferencias pedagogicas de algum amavel conselheiro. E de truz, apesar de não se exhibir em scena, mas os auctores affirmam que é tal e qual estou dizendo O sr. Peixoto é um grande amator de revistas e desejaría casar a pequena com um homem capaz de fazer uma, e impõe ao Fonseca, em condição essencial para effectuar-se o consorcio, a factura de uma destas peças de theatro.

O Fonseca é meio bronco, e desanima.

O sr. Peixoto é implacavel, e deixa-lhe um cestinho com modelos de revistas, aprazando-o para no fim de um anno apresentar-se com as honras de auctor e reclamar as suas esperanças, a sua vida.

O Fonseca encontra a fortuna, que não é outra senão a fada Frivolina, a musa das revistas, que surge do cesto que o sr. Peixoto havia lhe trazido, e propõe-se a inspiral-o. Elle, maganão, que viu Frivolina quasi vestida de nua, pois appareceu-lhe com uma tanga de côr de rosa que bem podia ser mais compridinha (se ella nem tudo cobre nem tudo descobre), aceitou de mãos postas, e lá se foi a *une tournée litteraire* no Olympo, isto para começar. Jupiter, apesar de ter quebrado trezentas locomotivas, cangado um sem numero de cavallos e estropiado não sei quantas comitivas, recebeu-os esplendidamente. Cada deus é ministro de Papá Piter e apresenta verbalmente o seu relatório. Este acto é escripto em magnificos versos altamente desopilantes. Eis o prologo.

Fallei a pouco em enredo e só narro um episodio; que mais querem? d'ahi em diante é o perpassar rapido dos acontecimentos do anno, com grande frescura, graça, e muita arte.

O clou desta peça é nma cançoneita, cantada pela sra. Cinira Polonio que foi bisada.

A musica em geral... não tem que se lhe diga, ligeira de mais. Tangos, jongos, etc.

Xisto Bahia, Peixoto e Colàs, devem estar fartos das pragas que lhe rogavam os espectadores que já apertavam o ventre com as mãos, tanto riam.

Cinira Polonio, recebeu uma va-

lente ovação, bem merecida, pois a distincta cantora esteve como sempre, nos seus dias felizes. Se ella não os tem infelizes!

As Sras. Blanche e Fanny desempenharam bein os seus papeis; emfim, todos os actores concorreram na altura de seus talentos para o bom exito da peça.

A encenação é esplendorosa. A apothose é um grande e bellissimo trabalho de scenographia.

No Sant'Anna, representam presentemente uma opera comica de assumpto militar, *A Toutinegra do Templo*, de O. Meilhac, traducção de Eduardo Garrido.

Fallarei no proximo vapor, sobre a execução d'esta peça.

Falleceu na semana passada o maestro Cin.º Archangelo Fiorito, q' occupava os logares de professor de canto, e inspector do ensino, no conservatorio de musica da côrte. Homem dotado de robusto talento, porem um talento moldado no tempo dos velhos, por conseguinte de um atrazo nas questões altamente transcendentales do ensino. Não conseguiu fazer-se bem entender em portuguez, apesar de morar no Brazil desde que veio de Napoles a actual Imperatriz.

Apresentou algumas composições religiosas durante o tempo em que foi mestre da capella imperial; e uma cantata composta especialmente para a Ristori, quando aqui esteve esta eminente tragica.

Foi nomeado inspector do ensino, no conservatorio, na vaga deixada pelo maestro Fiorito, o sr. Alfredo Camarate, critico musical no *Jornal do Commercio*. O nomeado aceitou a nomeação, recusando porem os vencimentos a que tem direito.

Esta nomeação foi verdadeiramente surpreendente.

Os são principios e a boa vontade que se nota no sr. Camarate serão uma garantia da sua conducta?

Ainda estamos sob a primeira impressão da surpresa.

Afinal, não tinha assumpto, e não sei si o patrão gostará que eu continue a ter destas faltas, pois afinal de contas parece-me que hoje sahi mais fóra do commum.

O leitor que me desculpe, mas se o patrão fallar, tomará a defeza do

MARIO.

IMP. NA TYP. DO «LIBERTADOR»